UM TRIÂNGULO NÃO TÃO AMOROSO: DINHEIRO, PODER E GÊNERO

O dinheiro nas relações amorosas

MIRIAM TASSINARI [1]

RESUMO

Este artigo se propõe a realizar uma reflexão sobre a pouca atenção dada à situ a ação financeira de um casal, durante o processo psicoterápico.
Visto como um tema privado na nossa sociedade, ele tornou-se um tabu, que ao ser mencionado pode provocar constrangimentos e atritos.
Como integrante do mesmo contexto cultural, o terapeuta de casal mantém a regra de um assunto proibido, comprometendo uma visão da dinâmica do casal. O tema dinheiro explorado no contexto relacional pode ampliar a compreensão da atuação dos papéis.
Para o início da investigação de como a situação financeira aparece no histórico do casal, a proposta é que sejam feitas perguntas objetivas voltadas para uma compreensão relacional.
.

Palavras chave: 1. Terapia de casal 2.dinheiro 3. Poder 4. Gênero 5. Relações amorosas.

1 INTRODUÇÃO

Na terapia de casal alguns temas são de difícil exploração, tanto para os casais como

[1] Titulação, instituição e e-mail. Psicóloga, psicodramatista..... , miritassi@gmail.com

para os terapeutas.

Um desses temas refere-se às questões financeiras.

Para alguns casais, trazer esse tema provoca o temor de um acirramento da crise já em curso. Para outros, são ideias inconfessas, por tratar-se de um assunto proibido por crenças, moral, regras sociais ou pudor.

Ao contrário do que comumente se pensa, a questão financeira não é um fato privado, íntimo, mas interfere na trama do relacionamento conjugal. A forma como cada casal organiza a sua vida financeira vai muito além de uma gestão de ganhos e gastos. Os acordos, nem sempre explícitos, são permeados pelas vivências de cada um com o dinheiro.

A questão a ser refletida é o quanto nós terapeutas somos envolvidos por pudores, crenças de que se trata de um assunto delicado, reservado e, com isso, contribuímos para reforçar um tabu.

2 FALANDO SOBRE DINHEIRO: a função do terapeuta

Ao nos referirmos à gestão administrativa das finanças de um casal, não podemos perder de vista que temos nela pontos de contato de mandatos sociais, ética e política. Cada indivíduo traz para a relação uma história financeira própria. Os acertos financeiros, inevitavelmente, passam pela subjetividade individual, por mandatos familiares e pelo contexto sociocultural. ”...o que se passa nos espaços definidos como privados e doméstico é significativo para a análise da democracia”. (CORIA , 1991, p.10)

Quando duas pessoas se unem para partilhar uma vida conjugal, supostamente se propõem a um direcionamento de conduta coletiva, traduzida em atribuições de tarefas e caracterização de papéis. Há um projeto dramático (AGUIAR, 1990), que em si compreende

um fenômeno coletivo e relacional.

Porém, os acordos feitos colocam uma luz apenas no que é explicitado. Na sombra permanecem os não ditos, muitas vezes não conscientes. Cabem aqui as ideias plantadas ao longo da vida sobre dinheiro: segurança, estabilidade, tensão, escassez ou abundância, por exemplo.

Aos papéis formais de parceiro e parceira, estão acopladas as funções de provedor(a), mantenedor(a) da estabilidade financeira, segurança e outros tantos conceitos cultivados em cada história pessoal e cultural de cada parceiro.

A proposta para que se fale sobre dinheiro nas sessões de psicoterapia de casal, tira das sombras objetivos e desejos não declarados sobre o tema, fazendo com que os parceiros sigam conhecendo um pouco melhor o que cada um espera e destaca em relação ao projeto financeiro conjunto.

O compromisso em comum clarificado pode ser uma forma de carinho e cuidado com o outro e não um confronto.

Falar de dinheiro não precisa ser uma fonte de atritos, mas um instrumento para melhoria da relação.

Além de olharmos para as várias questões que decorrem do manejo das finanças em um casal, precisamos refletir sobre a postura do psicoterapeuta diante desse fenômeno.

Por ser considerado um assunto íntimo, privado, muitas vezes o terapeuta não destaca como o casal trata suas questões financeiras por considerar irrelevante ou por se sentir invasivo.

Não dando o destaque para o tema, a psicoterapia caminha com uma lacuna. Falar sobre as finanças vai muito além de conhecer as condições financeiras do casal, mas sim sobre como a dinâmica conjugal é afetada pela forma como o dinheiro é encarado por cada um e, consequentemente, como influencia no relacionamento.

Como parte do mesmo contexto sociocultural torna-se bastante difícil para o profissional não tratar o tema dinheiro como íntimo, privativo e, portanto, não inclui-lo como um elemento fundamental na construção de uma relação de parceria.

A questão é o quanto nós terapeutas somos envolvidos por pudores, crenças de que se trata de um assunto delicado, reservado e, com isso, contribuímos para reforçar um tabu.

Mesmo considerando que em um processo psicoterápico os temas íntimos são frequentes e bem vindos, podemos discutir se questionar sobre como o casal lida com o dinheiro, transformou-se em um ponto interditado.

Questionar o casal sobre como o dinheiro aparece na relação conjugal pode revelar aspectos constituintes da dinâmica vigente e que por não serem explicitadas causam conflitos penosos.

Em uma sociedade capitalista e patriarcal como a nossa, não há como desconsiderar que o dinheiro representa muito mais que sustento. Ele vem coroado de poder, aspirações, desigualdade econômica e de gênero.

O dinheiro, símbolo de tantos componentes de nossa coletividade não pode ser excluído da compreensão de nossas relações, particularmente as conjugais, correndo-se o risco de termos uma leitura incompleta desses vínculos e uma visão parcial do projeto dramático do casal.

Ao terapeuta caberia se despir de pudores para tratar o assunto finanças e elaborar questões que respeitem a privacidade, mas não deixem escapar o entendimento de que dinheiro é relação porque sempre aparece dentro de uma história pessoal e coletiva.

Importante salientar que ao me referir a importância do questionamento sobre a situação financeira, não me refiro a perguntas objetivas e informativas, mas que contemplem um critério fundamental: como o dinheiro está inserido na relação conjugal.

Mais do que saber quanto cada um ganha, o mais relevante é esclarecer como resolvem

conjuntamente, os temas relacionados ao dinheiro que se impõem.

Ao tratarmos da conjugalidade qualquer elemento que a compõe merece ser destacado e explorado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas relações amorosas a forma como as finanças são tratadas retratam muito mais do que uma conta bancária ou o patrimônio do casal.

Além dos números e das aquisições materiais, o histórico financeiro do casal pode nos mostrar uma parcial radiografia do vínculo amoroso.

Através da explicitação de como a questão financeira é encarada, podemos perceber como um elemento de dominação ou submissão? Oferece prestígio, estabilidade ou tensão?

Explorar o tema no processo psicoterápico, conduz o terapeuta e o casal a quebrar um tabu e a dar novos formatos aos eventos.

Ao explicitar os significados, as emoções, abre-se uma possibilidade para o casal de escrever uma nova história com o elemento dinheiro.

A investigação sobre as condições financeiras do casal vai muito além de um levantamento de dados. São componentes de uma relação e como tal devem ser investigados.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. **O teatro terapêutico- escritos psicodramáticos**. Campinas, São Paulo, Papirus, 1990.

CORIA, C**. El dinero em la pareja – algunas desnudeces sobre el poder.** Mexico, Paidós, 1991

CENCI, C.M.B.; BONA, C.S.; CRESTANI, P.L.; HABIGZANG, L.F. **Dinheiro e conjugalidade: uma revisão sistemática da literatura.** Temas psicológicos, vol25, n.1, Ribeirão Preto, São Paulo, 2017.

FERRERO, G. **Dinero y las relaciones de pareja.** Workshop. Janeiro, 2026.